

Silva Carvalho

ESCRITOR, 54 ANOS

SILVA CARVALHO escreve romances mas não é romancista. E também não é poeta, apesar dos poemas... É um escritor-criador, que inventou o seu próprio estilo e a sua própria linguagem: a 'porética'. Poesia que se lê como um romance, mesmo sem história nem personagens. Romance escrito em verso. Capítulos que não são poemas, são 'porismos'.

A escrita de Silva Carvalho corre ao longo da página, alinhada à esquerda e com frases que harmoniosamente se encaixam, umas a seguir às outras, "num questionamento constante da linguagem e da forma como esta consegue dar conta da realidade". É por isso que escreve sempre em computador: a porética implica uma arrumação visual, que Silva Carvalho testa no ecrã, antes de enviar para a editora. "A página foi escrita tal como a está a ver", garante.

O objecto da sua escrita é o quotidiano. Escreveu uma obra sobre as suas vivências parisienses e "New England", o livro que segura na mão, fala da sua relação com os EUA. Mas a forma com que escreve parece-se com a da investigação filosófica: "A actualização do que não foi dito da última vez" é o que faz a ligação entre os capítulos, poemas (perdão, porismos) que fazem que o livro se leia "romanescamente".

Diz ter seguido este rumo, "daqueles que abrem caminho por onde não há caminho", por desilusão com o que os críticos dizem da poesia portuguesa do século XX. Destaca Jorge de Sena, Arruma Eugénio de Andrade e Herberto Helder numa categoria inventada: os ultramodernistas. Diz que foram poetas que não souberam ter em conta a poesia de Pessoa, que não houve um pós-modernismo em Portugal.

Talvez por isso, não colhe a simpatia de muitos críticos. Indiferente, continua o seu caminho. E idolatra os poetas americanos deste século, esses, sim, verdadeiramente pós-modernistas. A cultura norte-americana marcou-o tanto como o dia-a-dia "no país que inventou a democracia". Em 1969, abandonou o curso de Medicina em Coimbra e exilou-se em Paris. Não gostou nem dos poetas nem dos franceses. Foi leitor na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara (EUA), entre 1985 e 1990. Voltou em 1997 a leccionar português na Universidade de Massachusetts Dartmouth, na costa leste. Ai, sim, identificou-se.

Elogia a humildade, a cultura e a candura do povo americano - "que não deve ser confundido com o seu governo", esclarece. O seu primeiro romance depois da definição da sua "linguagem porética" nasceu nos EUA. Foi iniciado no primeiro computador que conheceu, que trabalhava com "grandes cartões, que funcionavam como disquetes". Fascinante. "Trabalhar com o computador foi de tal forma importante que alterou a minha forma de escrita."

A máquina abriu-lhe horizontes mas criou-lhe algumas angústias: "Escreve-se e, de repente, saída sabe-se lá de onde, a injunção: "This program has performed an illegal operation and will be shut down. Close". E agora? Um suor animal afluí, disparado pelo disparate da máquina. O computador estará louco? (...) Paralisado pelo horror de ser detectado em flagrante delito, fecha-se o programa. E perde-se o texto", descreve no seu último livro "New England".

Recorda apenas o programa com que trabalhava: o WordPerfect 5. As características e as referências dos modelos dos computadores que a seguir foi tendo - e que, entretanto, deu "para os miúdos das escolas, que estão sempre a pedir essas coisas" - perderam-se na memória. Como muitos dos livros que leu.

Em Goa, na Índia, viveu um ano (1990-91) só com uma cadeira, uma mesa e muitos livros, que trazia da biblioteca da universidade. "Li milhares de livros, esgotei quase todos da biblioteca. Trazia aos 25 de cada vez. Sou um leitor compulsivo. Felizmente, não tenho memória e posso voltar a lê-los que não há problema." ●

Texto de HELENA VIEGAS
Foto de CARLOS LOPES

EQUIPAMENTO

PC de marca branca com processador Pentium III, a 1000 MHz, disco rígido de 40 GB, 512 MB de memória RAM.
Impressora de jacto de tinta HP 520

PROGRAMAS

Windows 2000 (sistema operativo), Microsoft Word (editor de texto), Internet Explorer ("browser" para a Web), Excel (folha de cálculo), Powerpoint (apresentações), Outlook Express (E-mail).

FICHEIROS

Escola - tudo o que diz respeito às aulas de Português e Francês que lecciona na escola secundária de Sintra.

Livros - várias pastas com a digitalização de todas as suas obras ("Primícias"; "Exílio"; "Regresso"; "A Confusão"; "A Imperfeição"; "Dois anos de escravidão I e II"; "A Doença I e II"; "No fim do começo"; "Pentologia Americana"; "Trilogia Poética"; "Tetralogia Fática"; "Díptico Musical, 1996; As Estações, Mais ou Menos"; "New England"; "Mediocridade" (que inclui o romance "Palingenesia" e o ensaio "A Linguagem Porética").

